



Espetáculo inédito que marca os 25 anos da consagrada Focus Cia de Dança, sob a direção artística do coreógrafo Alex Neoral, "Bodas" faz sua estreia no Theatro Municipal num mergulho nas infinitas possibilidades do corpo. Pág. 2

‘Me autorizo a elaborar espetáculos com as mais variadas inspirações’

Com 26 obras criadas e 16 espetáculos encenados, a Focus Cia de Dança chega aos 25 anos com o espetáculo “Bodas”, que faz sua estreia nacional nesta sexta-feira (6), às 19h, no palco do Theatro Municipal. Com direção artística e coreografia de Alex Neoral, “Bodas” propõe um metalinguagem no qual a dança fala sobre si mesma, o corpo interroga sua própria memória e o passado serve de matéria-prima para o que ainda está por vir.

Isso porque Neoral revisitou todas as 16 montagens do repertório ativo da companhia — de “Vértice” (2000) até “Entre a Pele e a Alma” (2024) para extrair fragmentos coreográficos que pudessem, reorganizados e reinventados para compor algo inteiramente novo. “A Focus vem de dois espetáculos de polaridades opostas, ‘Carlota’, de 2023; e ‘Entre a Pele e a Alma’, de 2024. Agora, no espetáculo de 25 anos, faço uma escolha segura por entender o caminho que percorremos”, afirma Neoral.

Além de revisitar o que já existe, ele cria cenas inéditas, algumas talvez embrionárias de trabalhos futuros. Para dar conta dessa arqueologia do movimento, Neoral recorre a instrumentos concretos e íntimos. Há décadas ele mantém cadernos com registros de cada obra que assina — anotações que, ao longo do processo de Bodas, se revelaram fonte indispensável. “Guardo a maior parte dos meus trabalhos originais e agora esses registros estão sendo valiosos”, conta o coreógrafo, que começou a dançar aos 15 anos.

O processo ressoa com o que Neoral realizou ainda em 2008, quando criou “Pathways” para integrar o 50º Jahre Noverre-Gesellschaft, em Stuttgart (Alemanha) — festival que revelou nomes como Jirí Kylián, Hans van Manen e Pina Bausch, e que representou a primeira aparição internacional da companhia. “Nossa estreia internacional no Noverre foi incrível. Graças ao Roberto Oliveira e ao saudoso

Focus Cia de Dança celebra 25 anos com estreia nacional no Theatro Municipal

Richard Cragun houve o impulso para mostrar nosso trabalho pela primeira vez fora do Brasil. Talvez realizar o mesmo processo me afete de forma diferente por demonstrar a matriz em que moldamos nossa linguagem”, reflete.

O ecletismo característico da Focus se manifesta com intensidade neste3 novo espetáculo no qual a paisagem sonora original percorre territórios radicalmente distintos: da música eletrônica à erudita, do cancionário romântico brasileiro ao tango argentino, da MPB à música instrumental contemporânea norte-americana. “Me autorizo a elaborar espetáculos com as mais variadas inspirações. Posso encontrar na música contemporânea do americano Steve Reich o fio condutor de um trabalho. Mas, também, me depa- rar com a obra popular de Roberto Carlos, através da coleção de discos em vinil da mamãe, e realizar o roteiro que baliza As canções que você dançou pra mim. Sem liberdade, a arte não faria sentido para mim”, destaca.

A visualidade do espetáculo está a cargo da cenógrafa Natalia Lana, que elegeu a prata como elemento dominante — referência direta às bodas de prata que o título evoca. Plataformas móveis funcionam como espelhos, devolvendo aos intérpretes e ao público a imagem dos próprios movimentos, enquanto projeções em telão atravessam toda a apresentação, amplificando o discurso cênico. Os figurinos assinados por Maria Osório e Lucas Pereira dialogam com a diversidade estética que habita o repertório revisitado. Em cena estão dez bailarinos: Afon-



‘Bodas’ marca o aniversário de 25 anos da Focus Cia de Dança: a coreografia parte de fragmentos de trabalhos anteriores do repertório do grupo e traz trechos inéditos que poderão aparecer em projetos futuros



Alex Neoral e Tati Garcias, as mentes pensantes da Focus nesses 25 anos

“Guardo a maior parte dos meus trabalhos originais e agora esses registros estão sendo valiosos”

ALEX NEORAL

so Gondin, Bianca Lopes, Bruno Feliciano, Carolina de Sá, Cosme Gregory, Guilherme Nunes, Olivia Pureza, Paloma Tauffer, Wesley Tavares e Yasmin Mattos.

Fundada em 2000 no Rio de Janeiro, a Focus é fruto da parceria entre Alex Neoral e Tati Garcias, sócia, gestora e diretora de produção da companhia com sede própria

instalada num sobrado da Praça Tiradentes, dotado de sala de ensaio, vestiário e escritório. “Eu e o Alex somos amigos há 30 anos. Faz toda diferença na gestão geral da companhia eu ter sido integrante. Dancei na primeira formação. Foi o amor pela dança que nos uniu a todos nessa jornada”, conta Garcias, que coordena desde as turnês internacionais até os preparativos de cada estreia. “Em nossa sede, temos uma base impensável em nossos primeiros anos de trabalho. Atualmente, nos dias livres, há também a Focus Espaço de Criação, com várias atividades para quem atua em dança”, acrescenta.

Declarada Patrimônio Histórico, Cultural e Artístico de Natureza Imaterial do Estado do Rio de Janeiro e detentora do Prêmio Heloneida Studart, a Focus realiza em média 80 apresentações por ano e já se apresentou em mais de 100 cidades brasileiras, além de ter marcado presença nos Estados Unidos, Itália, França, Alemanha, Portugal e Espanha. Em 2026, a companhia retoma as viagens internacionais com turnês previstas na Argentina, em Portugal e na China.

SERVIÇO BODAS

Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia)
De 6 a 8/3, sexta e sábado (19h) e domingo (17h)

Ingressos: Plateia, balcão nobre e frisas - R\$ 80 e R\$ 40 (meia) | balcão superior - R\$ 50 e R\$ 25 (meia) | galeria central - R\$ 20 e R\$ 10 (meia) | galeria lateral: R\$ 10

A opressão laboral do mundo contemporâneo é peitada em coreografia inspirada na filosofia de Byung-Chul Han no espetáculo 'Sociedade do Cansaço'



Carol Pires/Divulgação

GESTOS QUE despertam

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

No tempo em que o mundo acadêmico dividia suas reflexões sobre tecnologia entre Integrados e Apocalípticos - com Pierre Levy de um lado; Jean Baudrillard, do outro; e Donna J. Haraway no caminho do meio -, falava-se sobre dominação pelas máquinas, sobre simulacros de vida e sobre simulações de futuro, mas ninguém somatizava essa bio (talvez necro) política, da forma como o filósofo Byung-Chul Han: “Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização”. Essa é essência dos conceitos filosóficos defendidos por esse ensaísta sul-coreano em aulas na Universidade de Artes de Berlim e em livros como “A Crise da Narração” e “Favor Fechar Os Olhos”.

Segundo ele, “sem a presença do outro, a comunicação degenera, num intercâmbio de informação: as relações são substituídas pelas conexões, e assim só se conecta com o igual, pois o igual não dói!”. Transformar tais reflexões em expressão artística impõe uma esgrima com a palavra. Essa esgrima fica ainda mais pontiaguda (e cortante) quan-

do o veio das artes escolhido para uma transposição é uma cruz de dança com o teatro. Dançar Byung-Chul Han e encenar sua obra nº 1, “Sociedade do Cansaço”, como expressão dramatúrgica e coreográfica, torna o novo experimento da Cia da Ideia um acontecimento (e dos mais obrigatórios) do ambiente cênico da cultura no país, em 2026. Sua arena será o Teatro Angel Vianna, no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro, na Tijuca. O pano abre nesta sexta, às 19h, e só fecha no próximo dia 29, com sessões às sextas e sábados sempre às sete. Nos domingos, a sessão rola às 18h.

“Uma das abordagens que mais nos interessavam ao enfrentar o texto de Byung-Chul Han era a chance de abrir espaço na cena para o contraponto ao excesso, à cultura do desempenho, à hiperconectividade que já seriam temas evidentes do trabalho”, explica o ator, encenador e professor Daniel Chagas, idealizador da montagem e coautor da dramaturgia com Sueli Guerra e Alessandro Brandão, que assinam a direção e a coreografia da montagem.

“Nos ensaios, Sueli e Alessandro nos pediram: ‘dancem os seus ócios’. A despeito do que significaria isso, nossos corpos simplesmente desenharam o espaço em busca de não

estar no fluxo cotidiano que vivemos. No processo de estudo, em meio a leituras paralelas e horas de conversa, muitas imagens também nos vieram para acessar o silêncio e a quietude; uma delas, por exemplo, era a memória que tenho da minha mãe descrevendo como sua avó começava, pela manhã, a preparar a massa de macarrão fresco que a família almoçaria. Daí um primeiro caminho textual me surgiu: a imagem da espera, o tempo de sovar a massa, corta-la e pendura-la no varal ao lado das roupas e lençóis. Escrevi a proposta e ela foi acolhida. Em seguida o corpo ganhou espaço junto com a palavra e o caminho se fez.”



Divulgação

Espectáculo se baseia no ideário do filósofo Byung-Chul Han, para quem sem a presença da figura do outro, a comunicação se degenera

resposta em conjunto ao Correio. “Ele escreve sobre desempenho, exaustão, produtividade, burnout — tudo isso é carne antes de virar conceito. Transformar palavra em movimento é quase fazer o caminho de volta. É devolver ao corpo aquilo que já era dele. É pegar uma ideia e perguntar: onde isso dói? Onde isso pulsa? Onde isso falta ar? Além disso, a palavra tem em si imagem, significado, portanto... tem forma, corpo e sensações. Nós entendemos que foi nessa transição que a cena-coreografia foi se dando, acontecendo e tomando corpo. Na Cia da Ideia, já havíamos trabalhado com outros textos poético literários, como ‘Pequenas Peças’, feito a partir de Clarice Lispector, e ‘Jangada de Pedra’, inspirado em José Saramago. Sendo assim, parece que encontramos um caminho onde essa mola propulsora da literatura se mantenha, seja estímulo e ponto de partida para a pesquisa. A centelha poética se preserva porque nós não traduzimos o livro, nós o escutamos com o corpo. O ensaio vira gesto, a tese vira respiração, o conceito vira queda, repetição, insistência. Existe uma beleza ali, mas não é uma beleza ornamental. É uma beleza crua, às vezes até cruel. A poesia permanece porque o corpo não explica — ele revela”.

Com direção de produção de Cacau Gondomar, “Sociedade do Cansaço” conta com cenografia de Gisele Batalha e figurinos de Arlete Rua. A iluminação fica a cargo de Paulo Cesar Medeiros.

SERVIÇO

SOCIEDADE DO CANSAÇO

Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro (Rua José Higino, 115 - Tijuca)
De 7 a 29/3, sextas e sábados (19h), domingos (18h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Zaz,

o sopro de renovação da chanson française

A cantora traz ao Rio sua turnê mais pessoal, ancorada em 'Sans et Saufs', seu sexto álbum de estúdio

AFFONSO NUNES

Sabelle Geffroy, a Zaz, não precisou de estardalhaço para ocupar o seu lugar na música francesa. Desde que "Je Veux" estourou em 2010 e a fez conhecida em todo o mundo, a cantora pavimentou seu caminho atualizando (e rejuvenescendo) a chanson sem abrir mão de sua alma. Do alto de mais 5 milhões de álbuns vendidos, ela chega ao neste sábado (7), às 22h, no Vivo Rio.

A apresentação integra a turnê "Sains et Saufs" (Sãos e Salvos), com repertório de seu sexto disco de estúdio, lançado em setembro de 2025 pela gravadora

Tôt ou Tard. O álbum representa uma virada na carreira da artista: mais introspectivo e despojado do que seus trabalhos anteriores, reúne 14 faixas que exploram vulnerabilidade, resiliência e o peso da experiência vivida. O disco alcançou o topo das paradas em cinco países europeus e consolidou a imagem de uma Zaz que amadureceu sem abrir mão da leveza.

O percurso até aqui inclui colaborações com Quincy Jones e Charles Aznavour, além de uma parceria afetiva com o Brasil que se aprofundou quando ela gravou ao lado de Alceu Valença uma versão de "La Belle de Jour", num encontro que selou uma conexão duradoura com o público brasi-



Zaz encarna a mescla de tradição com modernidade na canção francesa

leiro. A turnê confirma esse laço: além do Rio, Zaz se apresentou em Porto Alegre e em São Paulo.

No palco, a artista mistura o jazz manouche herdado de Django Reinhardt à tradição da chanson française de Édith Piaf e Ja-

cques Brel, adicionando pitadas de pop e folk - uma receita que amplia o alcance da artista sem diluir a identidade. É essa fusão irreverente (e enraizada) que faz de Zaz um fenômeno além das fronteiras francófonas.

SERVIÇO

ZAZ - SANS ET SAUFS

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) | 7/3, às 22h
Ingressos a partir de R\$ 440 e R\$ 220



Jason Mraz leva a leveza de sua vida para a música

Um artista e seus propósitos

O artista, ativista e fazendeiro Jason Mraz chega ao palco do Vivo Rio com turnê retrospectiva e banda completa

Antes de subir a um palco e começar cantar, Jason Mraz já tem muito a dizer. Fazendeiro orgânico, professor de yoga, filantropo — o cantor compositor semeou uma trajetória musical cujas melodias seguem sua personalidade leve, bem intencionada, gentil com o mundo ao redor. É com essa filosofia de vida que o artista chega ao Vivo Rio nesta sexta-feira (6) com turnê retrospectiva com banda completa e seu repertório clássico.

A Mraz Family Farms, pomar que cultiva desde 2004 com foco em regeneração e comércio justo, e a Jason Mraz Foundation, criada em 2011 para apoiar educação artística inclusiva e segurança alimentar, refletem esse ideal de vida. São a extensão natural de quem, em 2015, concluiu uma formação de 200 horas em yoga e passou a conduzir shows como se fossem sessões coletivas de introspecção tendo o incontornável hit "I'm Yours"

soando como um do mantra.

O artista notabilizou por realizar concertos que destoam da lógica convencional. O coro entoado pelo público surge de forma espontânea, o tempo parece dobrar e a energia sobe sem exageros, sem precisar gritar. Tudo com a emoção e a sensação rara de que todo mundo, por duas horas, está do mesmo lado. (A.N.)

SERVIÇO

JASON MRAZ

Vivo Rio — Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo, Rio de Janeiro 6/3, às 21h30
Ingressos a partir de R\$ 220 e R\$ 110 (meia)

Das redes para os palcos

Show de Edu Krieger e Natalia Voos com paródias impagáveis volta ao Rival Petrobras

AFFONSO NUNES

Edu Krieger e Natalia Voos voltam ao Teatro Rival Petrobras neste sábado (7), às 19h30, com o impagável show “Versos e Versões — A Vida em Paródias”, espetáculo que transformou o casal em celebridades da música. O espetáculo que tem como característica central a mutação constante: a cada apresentação, uma paródia nova, construída a partir do assunto quente da semana. “É um trabalho em que, por ser de paródia e humor, cada show é diferente. Tem paródia nova, tem música diferente, tem assunto novo”, explica ele.

Filho do saudoso maestro Edino Krieger, Edu vinha de carreira consolidada de compositor com parcerias com Geraldo Azevedo e Fernando Brant e canções gravadas por Maria Rita, Ana Carolina, Roberta Sá, Maria Gadú e Teresa Cristina, trilhas sonoras premiadas para

teatro e cinema. Mas a pandemia mudou a direção e ele, que já flertava com o humor nas redes, intensificou a produção de paródias no período de isolamento e começou a acumular visualizações.

A fórmula era simples: melodias consagradas da MPB ganhavam letras novas e afiadas com olho crítico no noticiário. “Eu chamo de crônicas musicais através do que vemos no noticiário. Temos as ideias e as transformamos em um deboche musical. Material não falta, infelizmente”, resumiu em entrevista recente à revista CartaCapital. Para ele, o objetivo é claro: “escancarar o quão patético são certos comportamentos, posturas e argumentações.

Em determinado momento, uma paródia pedia uma voz feminina e Edu chamou a esposa, Natalia Voos. A gravação deu certo — muito certo. “Viram um casal engajado, que compactua e conjuga da mesma ideologia. A presença dela fortaleceu o trabalho”, avaliou. Assim nasceu a dupla que o público passaria



Nathalia Voos e Edu Krieger: as paródias gravadas pelo casal na pandemia conquistaram a internet

a acompanhar com fidelidade crescente: dois cariocas, marido e mulher, com senso de humor afinado e capazes de transformar uma semana de notícias em dois minutos de riso e reflexão.

O salto para os palcos era questão de tempo. “Versos e Versões — A Vida em Paródias” estreou no Teatro Rival Petrobras e foi um sucesso de público imediato. O repertório foi montado com critério afetivo. “Baseado em canções

que a gente ama”, como definiu o compositor. Estão no programa clássicos como Canto de Ossanha (Baden Powell e Vinícius de Moraes), Palco (Gilberto Gil), Reconverso (Caetano Veloso), Meu Caro Amigo (Chico Buarque e Francis Hime) e Sapato Velho (Cláudio Nucci, Mu Carvalho e Paulinho Tapajós), além de incursões pelo pagode e pelo pop.

Os temas das paródias vão do cotidiano de um casal com filhos ao home office, da inteligência artificial ao negacionismo, do cancelamento nas redes ao conflito entre gerações — e, inevitavelmente, política.

A técnica, Krieger esclarece, não é simples substituição de palavras. “Se você se distancia das rimas, das estruturas, da linguagem e da versão original, não surte o efeito. O original está sempre pairando na mente do ouvinte, para que haja comparação com a letra nova e o efeito surja em forma de humor.”

SERVIÇO

VERSOS E VERSÕES - VIDA EM PARÓDIAS

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia) 7/3, às 19h30
Ingressos a partir de R\$ 60

Dois pianos tecendo poemas sonoros

Duo Gisbranco é a atração da semana no projeto Sextas Instrumentais do Espaço BNDES

O Espaço Cultural BNDES retoma sua excelente série gratuita Sextas Instrumentais com uma das formações musicais mais criativas da cena brasileira. O Duo Gisbranco apresenta espetáculo comemorativo de seus 20 anos, duas décadas com uma formação inventiva marcada pelo diálogo sensível entre tradição e experimentação através da poderosa interação entre dois pianos.

Formado pelas pianistas e compositoras Bianca Gismonti e Claudia Castelo Branco, o Duo Gisbranco construiu uma trajetória sólida, reconhecida pela crítica e pelo público dentro e fora do país.

Filha do multi-instrumentista Egberto Gismonti, Bianca traz na bagagem a herança de uma linhagem musical que une sofisticação harmônica e liberdade criativa. Claudia, com formação erudita e intensa atuação como

arranjadora e educadora, contribui com refinamento técnico e sensibilidade interpretativa. Juntas, as duas instrumentistas desenvolveram uma linguagem própria para dois pianos, explorando timbres, ritmos brasileiros e estruturas contemporâneas.

O repertório do concerto é uma costura entre memória e invenção. Obras de mestres como Moacir Santos e Edu Lobo dialogam com composições autorais de Bianca e Claudia que revelam a maturidade artística de uma dupla que faz desse encontro de pianos um poema sonoro que celebra a vitalidade e grandiosidade da música brasileira. (A.N.)

SERVIÇO

DUO GISBRANCO

Espaço Cultural BNDES (Avenida República do Chile, 100 - Centro) | 6/3, às 19h
Entrada franca



O Duo Gisbranco apresenta um repertório pensado para dois pianos

De volta ao Brasil

Bryan Adams apresenta no Qualistage show de sua nova turnê 'Roll With The Punches'

AFFONSO NUNES

Voz marcante dos anos 1980 e 90, está de volta ao Brasil. Bryan Adams chega nesta sexta-feira (6), às 21h, ao palco do Qualistage com show da "Roll With The Punches Tour", com repertório baseado no álbum homônimo lançado no ano passado, o 17º de sua discografia. A turnê teve início em setembro e o astro pop avisa que não pretende deixar seus grandes sucessos de fora do setlist.

O artista canadense construiu uma carreira que atravessa mais de quatro décadas e ultrapassa 65 milhões de discos vendidos em todo o mundo. Seu nome ficou definitivamente gravado na história da música popular com "(Everything I Do)

I Do It For You", composta para a trilha do filme "Robin Hood: Príncipe dos Ladrões" (1991) — balada que ficou 16 semanas consecutivas no topo das paradas britânicas, estabelecendo um recorde que resistiu por anos. Outros hits como "Heaven", "Summer of '69" e "Have You Ever Really Loved a Woman?" completam um repertório que segue na memória dos fãs.

A relação com o público brasileiro não é das mais antigas — apresentou-se pela primeira vez aqui em 2017 —, mas pé cercada de carinho por parte do artista que, em entrevista à Rolling Stone, falou da alegria deste regresso: "Voltar ao Brasil é sempre especial. Sinto uma energia incrível".

Ao longo da carreira, Adams acumulou feitos invejáveis: conquistou o Grammy, o American



Bryan Adams acumula prêmios e grandes sucessos em sua carreira que estourou nos anos 1980 e 90

Music Awards, três indicações ao Oscar e cinco ao Globo de Ouro. No Canadá, recebeu o título de Companion of the Order of Canada, a mais alta honraria civil do país. Fotógrafo de carreira paralela consolidada, Adams tem trabalhos publicados em revistas como Vogue e GQ e no portfólio figuram

retratos de Nelson Mandela e da Rainha Elizabeth II, dimensão que poucos fãs conhecem.

Nos últimos anos, Bryan Adams tem expandido sua atuação de formas inesperadas. Em 2018, mergulhou no teatro musical ao coescrever as canções de "Pretty Woman: The Musical", levado à Broadway. Em 2022, lançou "So Happy It Hurts", seu 16º álbum de estúdio. Em agosto de 2024, deu um passo decisivo em direção à autonomia ao fundar a Bad Records,

seu próprio selo independente — um movimento raro para um artista de sua geração, que abre mão da estrutura das grandes gravadoras em troca de controle total sobre seu processo artístico.

SERVIÇO
BRYAN ADAMS - ROLL THE PUNCHES TOUR
Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3.000, Barra da Tijuca)
6/3, às 22h
Ingressos a partir de R\$ 295

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Noite de hits autorais e mashups

O cantor, compositor e multi-instrumentista Milton Guedes se apresenta nesta sexta-feira (6), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras. Acompanhado de banda, ele avisa que não faltarão hits autorais como "Sonho de Uma Noite de Verão" e "Jeito Sexy", sucesso com a Fat Family. O show ainda conta com mashups escolhidos para dançar: Bruno Mars & Lulu Santos, Dua Lipa & Rita Lee, Coldplay & Cazuza.



Marcos Vieira/Divulgação

Nova forma de ouvir as canções do Rei

Henrique Portugal, ex-tecladista do Skank por 32 anos, e o grupo Conexão Rio se encontram no Manouche neste sábado (7), às 21h, para o concerto "As Canções que Não Fiz pra Ela", tributo a Roberto Carlos. Com arranjos que vão do pop a bossa nova, o repertório tem "É Proibido Fumar" a "Café da Manhã". A Conexão Rio: André Cechinel (piano), Fernando Barroso (baixo), Fernando Clark e Zé Mário.



Divulgação

Sonoridade crua e direta em dose dupla

O Audio Rebel recebe nesta sexta (6), a partir das 20h, uma noite de post-punk, noise e confrontação sonora com o trio português So Dead (foto) e a abertura da banda carioca Visão Turva. Formados em Coimbra em 2023, So Dead cruza synth punk e no wave com sonoridade crua e minimalista. A Visão Turva traz guitarras noise, baixo marcado e letras de crítica política inspiradas em Bauhaus e Soviet Soviet.



Divulgação

O eterno repertório de Belchior

Daíra sobe ao palco do Blue Note Rio nesta sexta (6), às 20h, para celebrar os 80 anos de Belchior e os 10 anos do projeto "Amar e Mudar as Coisas". Acompanhada por dois músicos, a artista revisita o repertório do bardo cearense em seu formato original, com clássicos como "Alucinação", "Coração Selvagem" e "Princesa do Meu Lugar". Um tributo à obra de um dos maiores poetas da música popular brasileira.



Divulgação

CRÍTICA TEATRO | ADORÁVEL TRAPALHÃO - O MUSICAL

POR **CLÁUDIO HANDREY**, ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Melina Knolow/Divulgação

A encenação de José Possi Neto em 'Adorável Trapalhão' flutua sem tropeços

O resgate da inocência

Numa idealização do ator Rafael Aragão, a montagem impecável, dirigida por Guilherme Logullo e

Ciro Sales, sustenta um arsenal de talentos. O texto de Marília Toledo utiliza a memória, realça a trajetória de um ícone do humor no nosso audiovisual, o ator/palhaço Rena-

to Aragão, insere personagens em épocas diferentes, folgando a cronologia, institui que atores possam narrar e representar concomitantemente, revelando o jogo teatral. A narrativa passeia pelo o início da carreira artística, a mudança do Ceará para o Rio, passagens pelas TVs Excelsior, Record, Tupi e Globo, numa costura afetiva, divertida, desvelando a inocência de outrora.

A encenação de José Possi Neto é destaque para que o espetáculo flua sem tropeço. Tudo funciona poderosamente. O diretor equaliza seu elenco, impõe uma plasticidade fora da curva – como sempre – armando para que todos os elementos possam dialogar e unificarem-se. Salienta o universo ingênuo do homenageado, aparentando que estamos diante de uma tela, mas com

extrema teatralidade. Vale ressaltar que só os mestres da cena alcançam uma homogeneidade em suas obras. É como estar diante de um Caravaggio, em que movimento e beleza denunciam a vida.

Rafael abrilhanta-se durante todo o tempo, com timbre, corporeidade e timing perfeitos que assemelham-se ao notabilizado – que participa ao final, além de um carisma que impressiona, características pelas quais atribuem ao ator um estado profissional de primeiro time. Outros destaques são o Zacarias de Vicenteh Delgado, que imprime peculiaridades do original; e Miguel Venerabile, que vive Renato na infância, com graciosidade, além de voz afinada. Thadeu Torres e Rupa Figueira – com ótima voz, ajustam-se com talento ao quarteto. Alvi-

nho de Pádua, Arízio Magalhães, Bernardo Marcelino, Bruno Kimura, Bruno Ospedal, João Cortins, Larissa Travassos, Letícia Mamede, Lucas Bocalon, Marcelo Góes, Mari Marques, Paulão do Vraah – com performance marcante, Vitor Veiga e Yasmin Calbo completam o elenco da melhor qualidade.

A cenografia de Marco Lima emoldura a caixa cênica com estrutura branca, pernas que surgem do urdimento simbolizando o circo, dinamiza com construções que remetem-nos aos programas de TV, telões para situar a história, além de uma rotunda branca, facilitando a exploração inventiva, pela qual Wagner Freire enche o palco de magia. Numa indumentária colorida, em sintonia ao contexto, Theodoro Cochrane adiciona humor com figurinos exuberantes. Alonso Barros cria suas coreografias nas quais tudo parece ser único, tamanha a afinação. Anderson Bueno compreende a proposta e acerta no visagismo.

“Adorável Trapalhão – O Musical” carrega em poesia e resgata uma inocência que as transformações, das quais não podemos escapar endurecem-nos, até perdermos a sensação de que a vida pode ser leve. Corram ao teatro para obterem o gosto da delicadeza!

SERVIÇO

ADORÁVEL TRAPALHÃO

Teatro Sesc Ginástico (Rua Araújo Porto Alegre, 70) Até 19/4, qui e sex (19h) sáb e dom (17h) | R\$ 60, R\$ 30 (meia), R\$ 15 (associado Sesc) e grátis (PCG)

NA TRIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**



Divulgação

Cearenses cheios de graça

Após a pausa do carnaval, o Qualistage volta a receber a 3ª edição do Humor Contra-Ataca. A atração deste fim de semana, no sábado (7), Tom Cavalcante. Humorista, ator, imitador e apresentador, o comediante cearense tem tudo para arrancar risadas e risadas do público. Abrindo a noite, Jardeson Cavalcante, conhecido nacionalmente como Titela do Ceará, traz ao palco mais de duas décadas de estrada. Em seu espetáculo “Aí Dentu”, revisita sua trajetória, misturando memórias pessoais, bastidores e encontros que transformaram sua carreira.



Valéria Martins/Divulgação

Vítima da Inquisição

O “Filipa”, com Waleska Arêas, recria o julgamento de Filipa de Sousa (1556–1600), portuguesa condenada em 1592 pela Inquisição na Bahia por amar outras mulheres. Viúva e alfabetizada, foi humilhada, açoitada e degredada. Considerada uma das primeiras vítimas de homofobia no Brasil e ícone do movimento LGBTQIAPN+, seu caso é o primeiro registro de perseguição por lesbianismo pelo Santo Ofício em terras brasileiras. Texto de Gabriela Amaral e direção de Maria Clara Guim. No Teatro Glaucio Gill até o dia 27.



Tati Mota/Divulgação

Suassuna revisitado

O Grupo Maria Cutia, de Belo Horizonte, estreia no Rio sua leitura para o “Auto da Compadecida”, clássico de Ariano Suassuna, em montagem que celebra os 20 anos da companhia. Com concepção e direção de Gabriel Villega, responsável também pelo cenário e figurinos, o espetáculo traz as aventuras de Chicó e João Grilo em diálogo com o Brasil contemporâneo. O elenco inclui Leonardo Rocha, Hugo da Silva e Mariana Arruda. O repertório musical reúne clássicos de Caetano Veloso, Maria Bethânia, Sergio Sampaio e Zeca Baleiro.

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

TARYN

✳Conhecida como a voz em português da personagem Elza (da animação “Frozen), a cantora apresenta “Elas cantam através de mim”, show que reverencia a obra de grandes intérpretes femininas do jazz e da MPB como Billie Holiday, Nina Simone, Elis Regina, Janis Joplin, Rita Lee e Tina Turner. Sáb (7), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

LEALL

✳Cria de Marcechal Hermes, o rapper lança “Você Precisa do Alibi”, EP que marca uma nova fase de experimentação sonora e precede o seu aguardado terceiro álbum. Sáb (7), às 20h (abertura dos portões). Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº). R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

MÁRVIO CIRIBELLI

✳O pianista recebe convidados espaciais para noite de Samba-jazz, Bossa Nova e tributos a Sérgio Mendes e Chico Buarque. Sex (6), às 21h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 70

LIZ ROSA

✳A cantora potiguar estreia o show “O Suingue é Delas”, dedicado a Elis Regina, Leny Andrade, Claudya, Joyce e Tania Maria, artistas que ajudaram a moldar a identidade do samba-jazz e a ampliar os horizontes da MPB. Dom (8), às 19h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

RODRIGO SIQUEIRA

✳Acompanhado pela banda Verve Atroz, o cantor e compositor apresenta o espetáculo “Trilhas para a Melancolia”, um mergulho poético nas canções do álbum homônimo — um trabalho marcado pela delicadeza, introspecção e profundidade emocional. Sáb (7), às 20h. Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 - Botafogo). R\$ 30

BOSSA MAIS

✳Gustavo Martins (violão e voz), Zé Luiz Maia (baixo), Marcio Bahia (bateria) e Marcello Guimarães (piano) interpretam canções de ícones como Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Carlos Lyra, Marcos Valle, João Donato e Roberto Menescal. Sáb (7), às 22h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 70



Lenise Pinheiro/Divulgação

Sombras no Final da Estrada



Rodrigo Castro/Divulgação

Taryn

TEATRO

CÃO

✳Colaboração entre os grupos Clowns de Shakespeare (RN) e Magiluth (PE), espetáculo aborda o trabalho precário. Até 15/3, qui a sáb (19h) e dom (18h). Teatro I do CCBB (Rua Primeiro de Março 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

FAFÁ DE BELÉM, O MUSICAL

✳Ecologia e meio ambiente são ingredientes deste espetáculo em homenagem à cantora. Até 8/3, sex (20h), sáb e dom (17h). Teatro Riachuelo (Rua do Passa-seio, 40). A partir de R\$ 40

DESAZENDA - ME ENTERREM FORA DESSE LUGAR

✳Exercício de fricção entre passado e presente questiona o que mudou após o fim da escravidão. Até 22/4, qui a sáb (19h) e dom (18h). Sesc Tijuca (R. Conde de Bonfim, 770). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e gratuito (PCG)

A COISA

✳Numa sucessão de pesadelos lúcidos, a montagem opera numa realidade ligeiramente deslocada da nossa. Até 1/4, qua (20h). Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)



Bruna Zaccaro/Divulgação

A Cuca

SOMBRAS NO FINAL DA ESTRADA

✳Texto inédito de Luiz Carlos Góes ganha palco sob direção de Amir Haddad e atuação de Vannessa Gerbelli. Até 29/3, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Domingos Oliveira (Av. Padre Leonel Franca, 240). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

A SARÇA ARDENTE

✳Uma comédia sobre solidão, fé e uma planta que acredita ser Deus. Até 1/4, ter e qua (20h). Teatro Ziembinski (Av. Heitor Beltrão, s/nº - Tijuca. R\$ 40 e R\$ 20 (meia ou Lista Amiga)

KINTSUGI, 100 MEMÓRIAS

✳Espatéculo do Grupo Lume Teatro transforma memória, esquecimento e política em matéria cênica. Até 29/3, qua a sáb (19h) e dom (18h). Teatro III CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

AUTO DA COMPADECIDA

✳Grupo Maria Cutia mostra um ‘Auto’ que mistura Suassuna, tropicalismo e a tragédia de Brumadinho. Até 29/3, qui a sáb (20h) e dom (18h). Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (sócio Sesc)

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR



Avesso



Fafá de Belém - O Musical



Leall

EU SOU MINHA PRÓPRIA MULHER

✳Edwin Luisi dá vida a Charlotte von Mahlsdorf, mulher trans alemã que sobreviveu ao nazismo. Até 26/4, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 104). R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

A CUCA

✳Longe da bruxa das cantigas de ninar, a Cuca se revela entidade ancestral de culturas indígenas — guardiã da floresta e elo de transmissão de saber e memória. Até 29/3, qui a dom (19h). Teatro Futuros (Rua Dois de Dezembro, 63). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

TERESAS

✳A obra aborda a violência contra a mulher. Até 28/3, qua a sáb (19h). Teatro Gonzaguinha (R. Benedito Hipólito, 125, Centro). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

A.M.I.G.A.S

✳A amizade de três jovens, sua cumplicidade e parceria são o ponto de partida para a criação da Associação das Mulheres Interessadas em Gargalhadas, Amor e Sexo (A.M.I.G.A.S.). Até 28/4, seg e ter (20h). Teatro Vanucci (Rua Marques São Vicente, 52, 3ºAndar - Shopping da Gávea). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)



Liz Rosa



Tessituras do Adeus



Auto da Compadecida

EXPOSIÇÃO

VIVA MAURICIO!

✳Mergulho imersivo no universo criativo em torno da obra do quadrinista Mauricio Sousa, criador da Turma da Mônica e de tantos outros personagens queridos dos brasileiros. Até 13/4, de qua a seg (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

AVESSO

✳Em diferentes estágios de suas carreiras, as artistas Anna Bella Geiger e Raquel Saliba viram pelo avesso a lógica de um sistema que relegou o corpo feminino à objetificação. Até 3/5, de ter a dom (9h às 16h). Museu Histórico da Cidade (Est.R. Santa Marinha, s/nº, Gávea). Grátis

TESSITURAS DO ADEUS

✳Sandra Gonçalves funde fotografias com achados digitais, embaralhando tempo e memória. Até 14/3, de ter a sáb (12h às 19h). Centro Cultural Correios RJ (Rua Visc. de Itaboraí, 20). Grátis

BRASILIDADES

✳Telas de Maurizio Ferri retratam nossos tipos e costumes. Até 13/3, de seg a sex (10h às 17h). Palácio Tiradentes (Rua Primeiro de Março, s/nº). Grátis

INFANTIL

ANNIE

✳Jovem órfã vive num orfanato com regras rígidas, mas mantém um otimismo contagiante. Até 29/3, sex (19h30), sáb e dom (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

ONOMATOCLOWNS

✳A ação convida pessoas de todas as idades a inventarem diálogos curtos na linguagem das HQs. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

INVENTAMUNDOS

✳Inspirado nas bonecas de papel e nas HQs, laboratório desenvolve a criatividade do visitante. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

ENTREVISTA | ESTEVÃO RIBEIRO

CINEASTA, PRODUTOR, ROTEIRISTA E ESCRITOR

‘Quando se fala de pessoas negras, é difícil encontrar lugares seguros para se ser quem é’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Máquina (viva) de escrever livro bom, Estevão Ribeiro garante ao Correio da Manhã que vai finalizar um longa-metragem (o primeiro de sua carreira como realizador), chamado “Escrevientes”, até novembro, para o aniversário de 80 anos uma de suas protagonistas: a diva da palavra Conceição Evaristo. Uma das maiores autoras da prosa latino-americana que, desde o do seminal “Água de Barrela” (2016), é certeza de alumbramento a cada novo livro. A matéria central do filme passa por um conceito, “escrever”, essencial hoje à literatura que ecoa a luta decolonial.

Até lá, entretanto, Estevão, um capixaba nascido há 46 anos no bairro do Itararé, em Vitória (ES), tem uma joia em formato pílula (cerca de 18 minutos) para mostrar ao mundo: a lindeza de curta-metragem “Salve, Rainha!”, que marca sua estreia como diretor. Quilometragem no audiovisual ele já possuía, e muita, pois trabalhou nas temporadas um e dois de “Cidade de Deus - A Luta Não Para” (HBO MAX) e em “Pai é Pai” (do GNT), além de ser criador da série infantil “Vovó Tatá” (Gloobinho). Mas... filme é filme e o dele, dos bons, rodado em dupla com Fabio Carvalho, vai passar em abril no Canadá, nas telas do International Black & Diversity Film Festival, o IBDFE.

Na trama escrita por Estevão e filmada por ele e Carvalho, uma mulher trans volta à vila onde nasceu, no Espírito Santo, para visitar a irmã e se candidata ao cargo de rainha da banda de congo que pertenceu a seu finado pai. No papo a seguir, verdades ancestrais pedem passagem.



Reprodução do Facebook

Ao ser convocado para um festival no Canadá, o curta “Salve, Rainha!”, que dirigiu com Fabio Carvalho, integra-se num bonde de filmes brasileiros que levam nosso cinema pelo mundo. Das 13 produções de nosso país na Berlinale, a metade tinha artistas negros/os em foco, longe de estereótipos dos problemas de violência e tráfico. De que modo o teu curta amplia essa mudança?

Estevão Ribeiro - “Salve, Rainha!” é um filme sobre voltar para casa, mesmo que essa casa ainda não pareça um lar. Quando se fala de pessoas negras, é difícil se encaixar nos lugares, é difícil encontrar lugares seguros para se ser quem é.

O filme tem afeto, de acolhimento, mas também vem com muitas mágoas e desafios que, sim, jogarão luz sobre algumas violências, como a transfobia, mas essa não é a questão principal do filme, e, sim, o acerto com o passado e o respeito à ancestralidade.

De que maneira as questões de identidade trans se articulam às ancestralidades negras e às lutas de resistência cultural no teu “Salve, Rainha!”?

Eu nasci no Espírito Santo, de onde saí há 18 anos e a história se passa lá: num lugar incrível, mas

com uma forte inclinação para a Direita. Então, ser um homem negro lá, apesar de ser maioria, é também ser um corpo estranho. Ainda mais nos lugares a que acessei ainda no começo dos anos 2000: redações de jornal, estúdios gráficos e a universidade pública. Quando pensei na história de alguém voltando para casa, reencontrando familiares e reatando os laços com a cultura local, pensei nesse corpo (que é visto como) estranho, ainda em 2026: uma mulher trans negra em uma família ligada às bandas de congo, uma manifestação cultural e religiosa. Há uma identidade local a ser requerida. É como eu me sinto, cada vez que visito os municípios de Vitória e Serra, onde morei até os 28

anos. Resgatar uma identidade que me foi negada e apagada enquanto vivi por lá. Esse afastamento do Estado, na vinda para Niterói, fez com que eu olhasse o lugar de fora e extraísse de lá o melhor. Este filme é minha declaração de amor ao meu Estado, à sua cultura, que eu tento levar para onde for.

Você tem histórico de editor e de escritor. De que maneira a vivência dos livros pontua a tua forma de lidar com o mercado cinematográfico?

Tanto na literatura quando no cinema tudo começa na escrita, né? Geralmente o escritor/roteirista é o primeiro a investir, a trabalhar sem receber, é o apostador zero, o dono do sonho que pode vir a ser compartilhado para o mundo. Essa história, em particular, era um conto e virou uma proposta de especial de TV. Depois, essa proposta foi adaptada e virou uma história mais longa, que integra meu livro de contos chamado “Salve, Rainha! e outras histórias”, lançado pela Editora Malé no ano passado. “Salve, Rainha!” deu sorte, porque quando isso dá ruim, é mais um arquivo de 135kb em um computador. Mas quando dá certo, você movimenta 100 mil a cinco, dez milhões de reais numa cadeia produtiva. Na literatura, você paga o salário do cara que vende papel, de quem vende a tinta, do gráfico, do empacotador e o caminhoneiro, da gasolina... No cinema, você mobiliza profissionais de A a Z para contar uma história que começou com uma provocação, uma emoção, bancada por atrizes como Valéria Barcellos e Suely Bispo. Ver minhas palavras na boca e no olhar dessas atrizes me tirou o ar diversas vezes. Isso me inspira a continuar sendo o apostador número 1 dos meus sonhos.

O que vamos encontrar em “Escrevientes” e que outros títulos você prepara hoje?

“Escrevientes” é um longa documental que começamos a filmar ano passado sobre Conceição Evaristo e Eliana Alves Cruz. No longa, convidamos essas mulheres que vão fazer 80 e 60 anos, em 2026, para falar sobre suas vivências como escritoras, com comentários de pessoas maravilhosas, como Flávia Oliveira, Itamar Vieira Jr., Renato Nogueira, Teresa Cárdenas, Ana Maria Gonçalves, Eloá e Tia Nunu (pai e tia-avó de Eliana). A linguagem continua a mesma, apesar do curta ser ficção e este, um documentário: uma celebração da família – seja sanguínea ou estendida – evocando nossas ferramentas de perpetuação da ancestralidade: a oralidade de a dança. Assim, escrevemos.

Com Jessie Buckley e Christian Bale em cena, Maggie Gyllenhaal faz de 'A Noiva!' um tratado autoral da luta contra opressões sexistas, celebrando a memória cinéfila de Hollywood

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Uns três anos depois de sua estreia como atriz, em "Terra d'Água" (1992), Maggie Gyllenhaal saiu de Los Angeles e foi para Nova York para cursar Literatura, na Columbia University, onde cabulou uma leitura que o corpo docente em geral recomenda à graduação: "Não li 'Frankenstein' quando precisava, mesmo tendo cursado Letras/Inglês, o que me leva a querer entender o que sua autora, Mary Shelley, teria a nos dizer sobre o mundo de hoje. Eu fiz 'A Noiva!' para deixar que Mary Shelley falasse através de mim", disse Maggie em entrevista via ZOOM, organizada para a Golden Globe Foundation, que contou com o Correio da Manhã, para celebrar a estreia de seu segundo longa-metragem como cineasta, após a consagração de seu "A Filha Perdida", indicado ao Leão de Ouro de Veneza em 2021.

Orçado em US\$ 80 milhões, "A Noiva!" ("The Bride") não apenas dialoga com a prosa de Mary Wollstonecraft Shelley (1797 – 1851) e com seu romance mais famoso, "Frankenstein" (1818), como faz dela uma meta-personagem, num misto de narradora extemporânea e comentadora dos fatos. Para ampliar a relevância de sua participação, Maggie confiou sua interpretação à atriz mais cotada para ganhar o Oscar no próximo dia 15: Jessie Buckley. Sua atuação é colossal e se faz ainda mais potente na troca com um ator em estado de graça, que já contracenou com a diretora no passado: Christian Bale. Ele era Bruce Wayne quando Maggie

Prometeu FEMINISTA



Ida (Jessie Buckley) se transforma em A Noiva ao despertar da morte

CRÍTICA CINEMA | 'A NOIVA!'

POR **RODRIGO FONSECA**

Cavalgando por saudades de Ida Lupina

Há um simbolismo cinéfilo... e, sobretudo, feminista... na escolha dos nomes Ida e Lupina para batizar a heroína e o vilão de "A Noiva!". Ida Lupino (1918-1995) foi, como Maggie Gyllenhaal, uma (grade) atriz que dirigia. O diferencial é que, a partir do fim dos anos 1950, quando virou cineasta, ela destacou-se dirigindo (para a TV) o gênero classificado como o "mais masculino" dos filões hollywoodianos: o faroeste. Rodou séries como "Paladino do Oeste", "Daniel Boone" e "O Homem de Virginia" fiel a um estilo épico dos titãs do banguê-banguê clássico (John Ford e Howard Hawks), mas com o alecrim da modernidade na representação das vulnerabilidades (como faziam Raoul Walsh e Anthony Mann). A certa medida, a releitura que Maggie propõe do universo de Mary Shelley gravita pela noção sociológica de corpos vulneráveis (e, a certa medida) vulne-

rabilizados, sobretudo quando trata de feminicídio, de agressões físicas às mulheres e de agressões verbais machistas. O silenciamento da voz feminina esgarça a ferida, mas há vulnerabilidade também na forma existencialista com que a cineasta – embalada pela trilha sonora sinestésica da compositora islandesa Hildur Guðnadóttir – representa as angústias dos homens de maior importância para o enredo. O encantamento de seu Frankenstein por musicais à la Fred Astaire & Ginger Rogers dilui a caricatura de macheza associada de costume à monstrosidade – numa forma bem parecida com a que Lupino filmava caubóis. As atuações coruscantes de Jessie Buckley e de Christian Bale, em covalência plena, pavimentam o chão para o filme abrir (e levar a fundo) muitas discussões, ressaltando suas críticas à bestialidade sexista sempre que Penélope Cruz entra em cena, em estado de graça.

sistido ao clássico do terror "A Noiva de Frankenstein" (1935), de James Whale (1889-1957), no qual Elsa Lanchester (1902-1986) assume a figura que "deveria" ser eixo da trama, ao lado do mais famoso Frankenstein das telas, Boris Karloff (1887-1969). "Muitos filmes feitos no passado não davam voz às mulheres e eu queria mudar essa realidade, sobretudo avaliando o potencial que aquela personagem, a Noiva, tem. A ideia era retratar o monstro que existe em cada um de nós e mostrar que todos temos coisas terríveis em nós, mas também temos valores inestimáveis. Tentei escrever o roteiro sem ter um elenco específico em mente, mas Jessie não saía dos meus pensamentos", disse Maggie.

Na versão escrita por Maggie, Shelley comenta (provocativamente) a saga de Ida (Jessie), uma vítima do gângster Lupino (Zlatko Buric), que, depois de morta, é ressuscitada pela cientista Euphronious (Annette Bening), a pedido de um visitante inesperado, a criatura de Frankenstein (Bale), que almeja ter um amor. Um detetive (Peter Sarsgaard, marido de Maggie) e a aspirante a policial Myrna Mallow (Penélope Cruz) vão cruzar os caminhos desse casal, enquanto eles vão de cinema em cinema atrás dos filmes de Ronnie Reed (Jake Gyllenhaal, irmão da diretora).

atuou em "Batman: O Cavaleiro das Trevas" (2008).

"O trabalho com a língua aqui, nos diálogos, é tão preciso,

pois são palavras de valor raro", diz Buckley, que encarna ainda o papel título sob a luz dionisiaca da fotografia de Lawrence Sher.

Filha do casal de cineastas Naomi Achs e Stephen Gyllenhaal, Maggie confessou que o projeto nasceu depois de ter as-

Um legado para as futuras gerações

Elenco nacional de “Cara De Um, Focinho De Outro” conversou com o Correio da Manhã sobre o novo filme da Pixar e o processo de dublagem

PEDRO SOBREIRO

Grande estreia da semana, “Cara De Um, Focinho De Outro” é o novo filme original da Pixar e 30º longa de um dos estúdios mais criativos da história das animações. E é essa palavra que resume bem essa aventura espetacular: criatividade.

A trama acompanha Mabel, uma jovem adulta que superou problemas de raiva na infância por meio da vivência com a avó, que morava ao redor de uma clareira na natureza. Com o passar dos anos, a avó faleceu e a moça tomou a clareira como um lugar especial. O problema é que a prefeitura da cidade decidiu explodir o local para concluir a obra de um viaduto. Tentando salvar o lugar, Mabel vai ao departamento de ciência de sua faculdade, onde acaba transferindo sua mente para o corpo de um castor robótico, em um projeto ultrassecreto dos professores. A menina acaba parando na natureza, onde descobre o motivo dos animais terem abandonado a clareira e inflama uma revolução contra o prefeito.

Com muito carisma, uma trama bastante madura e sensível, e um humor daquele jeitinho que somente a Pixar sabe fazer, “Cara De Um, Focinho De Outro” está em cartaz nos cinemas brasileiros e promete agradar crianças e adultos. Com um elenco nacional afiado, o filme conta com nomes experientes da dublagem, além de trazer participações especiais de Renata Sorrah e Thaís Fersoza, ambas estreando na dublagem.

A convite da Disney, o Correio da Manhã conversou com os dubladores brasileiros do filme, Manu



Divulgação/ Pixar



Divulgação/ Pixar



Divulgação/ Pixar

Macedo (Mabel) e Nestor Chiesse (Prefeito Jerry), para saber mais sobre o trabalho nesta aventura divertidíssima.

Manu Macedo falou sobre a experiência de poder ver o filme pela primeira vez depois de ter trabalhado na dublagem.

“Eu fiquei muito feliz [com o resultado]. Porque quando a gente dubla, a gente vê pedacinhos do filme, não o filme inteiro. Não segue uma sequência lógica. E daí, quando a gente assiste o filme por completo, com todas as partes ‘encaixadas’, é

uma outra experiência. Poder vê-lo como um todo é lindo, né? Muitas vezes, inclusive, o que você fala só começa a fazer sentido quando você vê tudo. Você fica meio ‘Meu Deus! Então é isso que eu sou dentro desse filme!’ e ‘Nossa! Agora fez sentido isso que eu falei’”, brincou a dubladora.

E no caso de “Cara De Um, Focinho De Outro”, isso foi uma constante, já que a história é criatividade pura.

No longa, Manu dá voz a Mabel na forma humana e na forma de cas-

tor. Para ela, porém, o importante desse trabalho foi se manter fiel à essência da Mabel em vez de tentar alterá-la de acordo com a “forma” que a personagem toma ao longo da trama.

“Eu vivi a Mabel como um todo. Mesmo com ela estando ali dentro do castor, ainda era ela, era a personalidade dela, a essência dela. Então, meu desafio foi me manter fiel à Mabel, que é uma menina bem divertida, impulsiva, que faz acontecer independentemente de onde esteja, como um todo. A Mabel cas-

Mabel assume a forma de castor e conhece o rei George, líder dos mamíferos da floresta

O prefeito Jerry é um antagonista que se vê preso nessa trama divertida e insana

Mabel tenta salvar a clareira para manter viva a memória de sua falecida avó

tor e a Mabel humana são a mesma personagem”, explicou.

Para Nestor Chiesse, a oportunidade de dublar um personagem importante em um filme da Pixar é especial.

“[Dublar para a Pixar] é diferente no nosso coração, porque eu cresci assistindo os filmes da Disney e da Pixar. Então, todo dublador, quando começa sua carreira, tem esse como um dos patamares que a gente quer atingir. Ter um personagem importante dentro desse universo é diferente, porque toca num lugar que é único, emocionalmente falando. Eu fiquei super feliz quando eu recebi a notícia [de que havia sido aprovado no teste]. É um dia que você não esquece, porque é diferente dos outros”, disse.

“É mágico, né? Eu acho que é essa a palavra”, completou Manu.

Chiesse acredita que trabalhar nesse filme trará um legado que vai durar bastante, justamente por “Cara De Um, Focinho De Outro” conseguir abordar temas importantes sem perder a leveza.

“Sempre que a gente entra para fazer um trabalho, a gente pensa que é um legado que está sendo construído. No caso de um desenho da Pixar, a gente tem certeza que é um legado que vai ficar por aí por muito tempo. E realmente, dublando o filme, eu comentei com o diretor, com o Thiago [Longo], que esse filme vai dar muito certo. Ele tem um frescor, um lado humano muito forte. Ele é engraçado e toca em vários assuntos que são muito atuais, muito contemporâneos, de uma maneira leve, mas também otimista. Então, acho que a gente precisa desse tipo de energia no mundo nesse momento”, concluiu o dublador.

Sororidades de peito aberto

MUBI abre uma apoteose nas plataformas digitais para a estética da carioca Eunice Gutman, cineasta que afinou o cinema brasileiro com a reflexão feminista, debatendo causas sociais

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Filha de uma pernambucana e de um polonês, nascida e criada em Botafogo em tempos pré-Grupo Estação, Eunice Gutman vira e mexe marca presença nas salas da Voluntários da Pátria, onde seu cinema de escuta, politicamente feminista, já ganhou mostra e exposição. Neste momento em que afina um .doc sobre a jovialidade do verbo envelhecer, chamado “Nunca É Tarde”, a diretora carioca ganha uma nova vitrine, agora no streaming: a MUBI. A plataforma digital de curadoria humanizada aproveita o festejo do Dia Internacional da Mulher para iniciar, já nesta sexta-feira, uma retrospectiva afetuosa de uma documentarista conhecida pela delicadeza, vide sua obra-prima “Vida De Mãe É Assim Mesmo?” (1983).

Esse já achou seu lugar no www.mubi.com, que selecionou ainda “Mulheres: Uma Outra História”; “Duas Vezes Mulher”; “Só no Carnaval” (codirigido por Regina Veiga); e “E o Mundo Era Muito Maior Que a Minha Casa”. Completa o pacote “Eunice Gutman Tem Histórias”, poema filmado que Lucas Vasconcellos fez sobre a realizadora.

“É uma alegria muito grande saber que um percurso trilhado com muita luta pode alcançar



Eunice Gutman despontou no cinema nos anos 1980 a partir de um .doc sobre a Rocinha

“No meu mergulho no social, chega um momento em que eu descubro que o pessoal é político. Daí o meu interesse ter se tornado bem maior pela condição da mulher na sociedade, o que, no fundo, traduz a minha experiência de vida”

EUNICE GUTMAN



Cena de Cena ‘Só no Carnaval.’



Cena do documentário ‘E o Mundo Era Muito Maior Que a Minha Casa’ documentário de Eunice Gutman.jpg

um outro público, em casa, via internet, sem deixar de lado o que venho preparando para a tela grande. Sou de uma época em que filme brasileiro sofria contra-ataque toda hora, naquela história do ‘fale mal, mas fale do cinema nacional’, e a gente aprendeu a resistir, a durar”, diz Eunice, num papo com o Correio, antecipando sua participação de um coletivo de artistas, estruturado pela realizadora Nicole Algranti, para transformar a prosa de Clarice Lispector (1920-1977) em segmentos de um longa-metragem.

Nesse projeto, que vai nascer já, já, Eunice filmou “Mal-Estar De Um Anjo”. Em paralelo, ela toca, aos poucos, “Nunca É Tarde”.

“Gabriel García Márquez dizia: ‘Envelhecer é para os fortes’. Parto disso nesse longa que eu estou preparando há uns 30 anos. Cheguei a entrevistar minha mãe, quando ela tinha 84 anos, para essa narrativa. Ela fala dos preconceitos que a velhice atura”, diz Eunice, elogiando a luta do produtor Cavi Borges para viabilizar sua empreitada. “O moço Cavi é um guerreiro. Com ele, devagarzinho, eu vou fazendo, do meu jeito”.

Memórias de um cotidiano pouco conhecido costumam servir como bússola para Eunice nas telas, nutrindo uma filmografia que ultrapassa matrizes etnográficas na criação de uma poética de inclusão. Isso fica evidente em “Mulheres: Uma Outra História”, de 1988, que ganhou uma exposi-

ção nas Casas Casadas, em 2022. À época, Eunice explicou ao Correio da Manhã: “No meu mergulho no social, chega um momento em que eu descubro que o pessoal é político. Daí o meu interesse ter se tornado bem maior pela condição da mulher na sociedade, o que, no fundo, traduz a minha experiência de vida”.

O que a MUBI confere a partir deste fim de semana é uma obra pautada pela delicadeza. Em “Duas Vezes Mulher”, no Vidigal, a câmera de Eunice mostra uma rua cavada e erguida por Jovina, uma das personagens. É a rua a qual ela deu nome. Rua que ela e suas colegas de bairro construíram. Ali, barro e tijolo são ventres que geram acolhimento.

“Tudo é ficção, pois o real, como instância, não existe, mas, assim mesmo, trago um pouco de realidade para essa percepção do mundo”, diz Eunice.

No filme “Nos Caminhos do Lixo”, sobre as catadoras de Jacutinga, a cineasta filma mulheres que reúnem material reciclável, formando cooperativas. Com isso tiraram carteira de identidade, aprenderam a ler e a administrar suas vidas e se organizaram. Elas se fortalecem conjuntamente, em grupos que se apoiam. É um estudo sobre sororidade. Num empenho de entender melhor certos prúidos sexistas das religiões, Eunice rodou “Feminino sagrado”, no qual encontrou uma freira, numa periferia, que rezava a missa porque não havia padres no local. Nesse filme, vemos a liturgia das religiões de matrizes africanas, nas quais as mulheres têm papel preponderante. Numa investigação do povo judeu, ela buscou por mulheres que liam a Torah. “A cada filme, encontro mulheres que são, naturalmente, lideranças”, diz Eunice.

A prática da leitura desenha seu “A Rocinha Tem Histórias”, no qual crianças queriam se ver mais e melhor representadas nos livros escolares, contando aquilo que imaginam da vida, sob o filtro da fantasia e da esperança. Era importante o fato de que as mulheres que fundaram as escolas comunitárias tinham um olhar praquela criança, filha de migrantes do Nordeste. Quando Eunice entrou para o cinema, nos anos 1970, o documentário era mais acessível ao produtor independente em termos de orçamento. Em seus caminhos pela criação, ela abraçou a não ficção como meio de buscar a voz das mulheres, fossem elas crianças, jovens adultas ou pessoas 60 mais, como a senhora que aprende a ler, aos 77 anos, em “E O Mundo Era Muito Maior Que A Minha Casa”. A escolha do título vem do seu depoimento, quando ela conta o que descobriu depois que aprender a ler. Ali Eunice cria uma grafia sinestésica singular, que faz dela uma gigante em sua cartografia de resiliências.

CRÍTICA LIVRO | UM HINO À VIDA

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Na rearrumação de estantes em casa, casuais vizinhanças entre autores acontecem. Elsa Morante está ao lado do ex-marido Alberto Moravia. Neige Sinno, autora de “Triste Tigre”, contundente análise do incesto, partindo de sua trágica experiência de estupro na infância pelo padrasto, está ao lado de “O consentimento”, de Vanessa Spingora, que demorou mais de três décadas até relatar seu romance, iniciado aos 14 anos, com o escritor Gabriel Matzneff (então com 49), um pedófilo bissexual, até pouco tempo elogiado por sua arte e seus costumes.

Os relatos da violência real contra mulheres se sucedem, sem o acolchoamento ficcional de “Lolita”, de Nabokov, cujo texto responsabilizaria a vítima pelo abuso – ainda que seja ficção e narrada pelo pedófilo. A última sensação do mercado editorial é a autobiografia de Gisèle Pelicot, “Um hino à vida: a vergonha precisa mudar de lado” (Companhia das Letras, R\$ 69,90), a mulher que durante dez anos foi drogada pelo hoje ex-marido para ser estuprada – desacordada – por outros homens. Ao longo desse período, ela teve problemas de saúde, com diversas infecções ginecológicas, jamais atribuídas à conduta sexual. Também sofria com constantes lapsos de memória, além de adormecer repentinamente em diversas ocasiões sociais.

A barbárie



Gisèle Pelicot relata com realismo cortante os abusos praticados contra ela por seu ex-marido

O casamento era aparentemente feliz, apesar de problemas financeiros severos. A descoberta das agressões acontece quando

uma denúncia de filmagem ilegal de mulheres em uma loja chega à polícia, que recolhe o celular de Dominique Pelicot, onde há numerosos vídeos de desconhecidos estuprando sua mulher, inconsciente. Os homens eram convocados por Pelicot em sites

de – como classificar? – pervertidos. Apenas 53, entre cerca de 70 abusadores, foram identificados e condenados a penas de reclusão. A filha do casal, Caroline, lançou, em 2025, “Eu nunca mais vou te chamar de pai – Transformando o trauma familiar em uma

luta coletiva” (Planeta, R\$ 47,90), no qual descreve seu desespero e dos dois irmãos, também adultos, com a descoberta dos crimes de Dominique Pelicot. Também foram encontradas fotografias de Caroline adormecida e seminua, nos arquivos do pai, mas Pelicot afirmou que jamais teve qualquer contato sexual com a filha. Tanto Gisèle quanto Caroline relatam a dissolução da confiança dentro do grupo familiar. Os sentimentos se alternam entre sensações de desamparo, decepção e revolta, todas dirigidas ao pai, porém, com reflexos nas relações da família inteira.

Mais de 370 milhões de meninas e mulheres vivas hoje – ou 1 em cada 8 – sofreram estupro ou abuso sexual antes dos 18 anos, segundo o Unicef. No Brasil, estima-se em 822 mil os casos de estupro, o equivalente a dois por minuto, afetando, em sua imensa maioria, mulheres, informa o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). A subnotificação é alta. O registro no país corresponderia a cerca de dez por cento dos casos. Às vésperas do 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, o Instituto Patrícia Galvão divulgou pesquisa recente, tendo constatado que 72% das vítimas com até 13 anos, foram violentadas dentro da própria casa. Em metade dos casos, o agressor foi um parente; em um terço dos relatos, os autores da violência eram amigos ou conhecidos das famílias.

NA ESTANTE POR OLGA MELLO

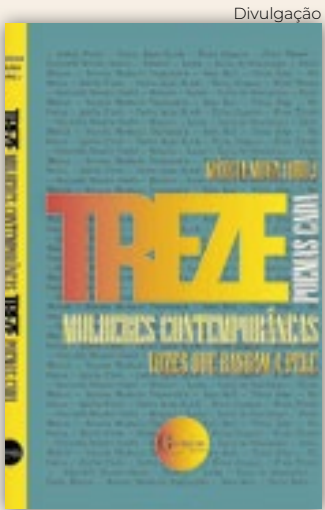
O ÚLTIMO VOO

A autora californiana Julie Clark aposta na troca de identidades entre protagonistas – o que sempre causa problemas em quem assume a vida de outra pessoa – para criar um thriller bastante envolvente. Para escapar de um marido rico e abusivo, Claire Cooke vê a oportunidade de se passar por Eva, a quem conhece no bar do aeroporto onde embarcaria para Porto Rico. Claire se transforma em Eva, indo morar na Califórnia. Sua angústia retorna quando o avião para Porto Rico cai e não deixa sobreviventes. É quando Claire descobre que Eva mentiu sobre seu passado e está na mira de traficantes de drogas e de agentes federais. (Faro Editorial, R\$ 62,90).



TREZE MULHERES CONTEMPORÂNEAS, TREZE POEMAS CADA

Esta coletânea poética reúne a mineira Adélia Prado com doze outras autoras de diferentes gerações, etnias e lugares do Brasil, buscando dar voz às mulheres indígenas, dos seringais, judias, árabes, ciganas, lésbicas, trans e negras. Organizado pela poeta e educadora indígena Márcia Mura, a antologia traz, além da premiada Adélia Prado, poemas assinados por nomes emergentes como os de Gleycielli Nonato Guató, Val Souza, Érica Zingano, Tânia Rego, Dalva Agne Lynch, Layla de Guadalupe, Flora Thomé, Paula Máiran, Lama, Kimani, Sara Kali e Renata Machado Tupinambá. (Georgios Livros, R\$ 29,50)



CHINA, TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA GOVERNANÇA DO PAÍS

Evandro Menezes de Carvalho analisa o modelo político e econômico chinês a partir das raízes culturais e filosóficas de seu povo. O especialista em relações Brasil-China afirma que a filosofia política chinesa busca unir Estado de Direito a um “Estado de Virtude”, em clara alusão ao confucionismo, com a moral e o senso de justiça ocupando um papel central no ordenamento jurídico. A perspectiva baseada na coexistência dos opostos, referência direta ao Taoísmo, ajuda a compreender como o país pode reunir, simultaneamente, elementos do socialismo e do capitalismo em sua estrutura. (Ed. Batel, R\$ 95)



vemviver + cultura

Iniciativas para aplaudir de pé e pedir bis.
Como o maior acelerador de cultura do estado, o Sesc RJ incentiva os artistas e o público por meio de uma programação variada: são shows, espetáculos de teatro, dança e circo, exposições, exhibições de filmes, atividades literárias, cursos, oficinas e muito mais. O Sesc inspira cultura, e a cultura inspira você. **Vem viver o Sesc RJ.**



VEM SABER +



sescrj.org.br/cultura
▶ portalsescrj @ sescrj f sescrj



A maior marca
de bem-estar
social do RJ

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Atum em

maré alta

Leve, versátil e cheio de frescor, o peixe estrela entradas e pratos principais da temporada

Com temperaturas elevadas e dias que pedem refeições mais leves, o atum ganha espaço nos cardápios cariocas. O peixe aparece em entradas como tartares e crudos, valorizando frescor e textura delicada, e também como protagonista de pratos principais em versões seladas, tatakis ou acompanhadas de saladas cítricas e legumes grelhados. Versátil e elegante, é a escolha ideal para quem busca sabor, leveza e sofisticação à mesa, em perfeita sintonia com o clima da cidade. Confira roteiro abaixo:



Juliette Bistro



Mäska



Tasca da Henriqueta



QuiQui



Tragga del Mar



Páreo



Nido

JULIETTE BISTRÔ – A casa apresenta duas opções no menu com atum: o Prato Casa Daniel com atum selado, pesto de cebolinha e risoni ao beurre blanc, com raspas de limão siciliano (R\$69) e o Juliette Prato Cinearte, um risoto de frutos do mar com atum selado, camarões e polvo, azeite de cebolinha e espuma do mar (R\$92). Casa Shopping :Av. Ayrton Senna, 2150 - Bloco D Loja E - Barra da Tijuca. Tel: (21) 2484-9017.

MÄSKA - No cardápio do restaurante em Ipanema, uma das entradas para compartilhar é o Tartar de atum - massa suflada, atum batido na ponta da faca, coalhada de cabra e ovas (R\$ 76). Rua Joana Angélica, 159 – Ipanema. What-

sApp: (21) 99997-0250.

NIDO RISTORANTE – Na casa italiana que completa oito anos comandada pelo chef veneziano Rudy Bovo, faz com que o comensal “viaje” direto para o País da Bota, através da alta gastronomia, como o Tornado de Atum com julienne de legumes (R\$ 135). Av. Gen. San Martin, 1.011, Leblon. Telefones/WhatsApp: (21) 2259-7696.

PÁREO – O chef Marcones Deus criou para a casa o atum Curado ao Teriyaki de Rapadura com cebolinha tostada, purê de macaxeira e croutons de queijo coalho (R\$ 104). Rua Mário Ribeiro, 410 / Jockey Club Brasileiro. Tel: (21)

99843-8813.

QUIQUI - Entre as sugestões do cardápio mediterrâneo do quiosque está o atum semi-cru com vinagrete oriental com shoyu, cebola roxa, gengibre e mel servido com espuma de raiz forte e chips de batata-doce (R\$ 68). Av. Prefeito Mendes de Moraes, s/n QS 5A e 5B (em frente ao nº 900) – São Conrado. Tel: (21) 99501-020.

TASCA DA HENRIQUETA – Na tasca portuguesa é possível encontrar diversas variações do peixe como na Espetada de Atum (R\$ 36), cubos de atum Albacora selados na brasa acompanhados pelo molho do chef: cítrico, leve e

aromático. E no principal, o Atum São Miguel (R\$ 56), lâminas de atum Albacora servidas com molho de alho, azeite extra virgem e flor de sal. Rua Aristides Espínola, 121, Leblon. WhatsApp: (21) 97513-7455.

TRAGGA DEL MAR – No restaurante de frutos do mar o atum aparece no Ceviche Nikkei (R\$ 67), ceviche de atum, leite de tigre oriental, óleo de gergelim, cebola roxa, pimenta dedo de moça e tiras de nori e no Tataki (R\$ 47), cinco lâminas de tatakis de atum, shoyu, cebolinha e lamina de alho torrado. Vogue Square – Avenida das Américas, 8585, Loja SS122 – Barra da Tijuca. WhatsApp: (21) 98777-0123.



O público poderá adquirir obras exclusivas

Feira Lampejo reúne fotografias autorais

Programação valoriza diferentes olhares da fotografia contemporânea e aproxima o público do trabalho de artistas

REYNALDO RODRIGUES

O Boulevard Shopping Brasília abre espaço, pela primeira vez, para a luz plural da Feira Lampejo – feira dedicada à fotografia autoral que reúne 22 artistas independentes em uma edição marcada pela diversidade de olhares e pela vitalidade da produção con-

temporânea. Durante dois dias, o público poderá adquirir obras exclusivas, construídas com técnica apurada, criatividade e identidade própria, assinadas por fotógrafos da capital e de diferentes estados do país.

O evento será realizado em 7 de março, das 10h às 22h, e em 8 de março, das 13h às 19h, no se-

gundo piso do shopping. A visitação é gratuita, e os valores das obras poderão ser consultados diretamente com cada artista, no local.

As obras selecionadas percorrem paisagens naturais, geometrias arquitetônicas e cenas urbanas que capturam o ritmo das cidades. A mostra inclui tra-

balhos em fine art — técnica de impressão de alta qualidade, com papéis e tintas especiais que asseguram durabilidade, riqueza de detalhes e acabamento sofisticado — além de criações com intervenções artísticas, como fotografias bordadas manualmente, nas quais imagem e artesanato se entrelaçam.

Esta será a sexta edição da Feira Lampejo, que, antes de chegar ao Boulevard, passou por outros centros culturais da cidade, consolidando-se como ponto de encontro entre artistas e apreciadores da fotografia independente. A iniciativa nasceu em Brasília, idealizada pelos fotógrafos Juliana Caribé e Marcus Amorim, com o propósito de democratizar o acesso à fotografia autoral, ampliar os espaços de circulação da arte e promover a troca de saberes entre quem produz e quem contempla.

“A gente percebe, na cidade, uma falta muito grande de espaços para vender nossas fotos. A gente quer, com a Feira Lampejo, dar visibilidade para artistas de Brasília e do Brasil que ainda não são muito conhecidos”, afirma Juliana.

Para Rafael Mendonça, gerente de marketing do Boulevard Shopping Brasília, a realização da feira reafirma o posicionamento do empreendimento como incentivador da cultura e da produção independente na capital. “O Boulevard Shopping Brasília tem o compromisso de incentivar a arte, valorizar os talentos locais e proporcionar experiências culturais acessíveis ao nosso público. Receber a Feira Lampejo reforça esse propósito, ao abrir espaço para que artistas independentes apresentem seus trabalhos”, destaca.

SERVIÇOS

Lampejo – feira de fotografia autoral

✦Setor Terminal Norte, Conj J - Asa Norte

UM DF DE OPÇÕES DE LAZER

POR REYNALDO RODRIGUES



Exposição local “Marias”

Foi aberta oficialmente nesta terça-feira (4/3), no Edifício-Sede do Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região (TRT-10), em Brasília, a exposição fotográfica “Marias”, da jornalista e fotógrafa Ísis Dantas. A mostra, que integra as ações institucionais do Mês da Mulher, permanece aberta até 19 de março, no Saguão do Pleno, com visitação pública de segunda a sexta-feira, das 9h às 19h. Realizada em sua versão integral, a exposição reúne 43 quadros que retratam mulheres que conseguiram romper o ciclo da violência doméstica.



Flaira Ferro em turnê

A Caixa Cultural Brasília apresenta temporada da turnê “Afeto Radical”, da cantora pernambucana Flaira Ferro. As apresentações são nos dias 12 e 13 de março, às 20h; no dia 14, às 17h e 20h; e no dia 15 de março, às 16h e 19h. As entradas são gratuitas, a partir de 07 de março, na bilheteria do teatro e no site bilheteria cultural.com.br. Além das apresentações, a artista promove a Oficina Íntima Canção, em 11 de março de 2026, das 19h às 21h, e o Aulão de Frevo, em 14 de março de 2026, das 10h às 12h.



Projeto para LGBTQIAPN+

Dar voz ao protagonismo feminino e pessoas que se identificam com a sigla LGBTQIAPN+ dentro do rap. Idealizado pela diretora de produção Angel Martins, o projeto Divas da Rima abre espaço para estes públicos com a ideia de movimentar as periferias de Brasília e dar oportunidade direta e indireta de emprego com premiações em dinheiro e troféu em evento final para os selecionados. Os interessados já podem se inscrever, de graça, até o dia 1º de abril de 2026 pelo link que consta na Bio do Instagram: @divasdarima e @2producoess.

Festival de circo com espetáculos diversos

Até o dia 8 de março, o Arranha-Céu – Festival apresenta espetáculos solos e sessão de cinema

REDAÇÃO

O Espaço Cultural Renato Russo vai virar um grande picadeiro entre os dias 5 e 8 de março. A quarta edição do Arranha-Céu – Festival de Circo Atual apresenta ao respeitável público quatro espetáculos solos circenses, além de uma sessão de cinema com filmes desse universo mágico, oficinas e bate-papos.

O mote “Solos e Picadeiros” traduz parte da complexidade da arte circense e a proposta do festival em 2026. A curadoria desta edição traz um olhar atento aos espetáculos solos como expressões potentes do circo, destacando a força do corpo como linguagem, criação e encontro. Aproveitando esta edição em formato mais intimista, o festival convida o público a se aproximar



As apresentações serão no Teatro Galpão Hugo Rodas, no Espaço Renato Russo

dessa dimensão mais próxima dos artistas, criando um espaço de troca mais sensível e direta com a plateia.

As idealizadoras Beatrice Martins, Julia Henning e Maíra Moraes lembram que, na edição passada, o festival provocou o

público sobre o lugar do circo. “Hoje, afirmamos que o lugar do circo é, antes de tudo, no corpo do artista e do público. É onde tudo começa e por onde o mundo se constrói”, assinalam as idealizadoras. “Esta edição do festival traz espetáculos solos, em que um

único artista em cena reverbera o picadeiro inteiro em si e, mais perto da plateia, transforma o espetáculo numa troca ainda mais íntima e pulsante. A proposta é colocar uma lupa sobre a técnica do artista e a sua presença em cena”, completa Beatrice.

Informações sobre retirada de ingressos para os espetáculos e para a sessão de cinema podem ser conferidas no site do coletivo Instrumento de Ver e no perfil do festival no Instagram.

Espetáculos

As apresentações serão no Teatro Galpão Hugo Rodas, no Espaço Renato Russo. Às 20h da sexta-feira (6/6), a atriz e circense carioca Natasha Jascavevich convoca o público para participar de uma receita, revelando segredos fantásticos de sua comida ao longo do preparo. “Faminta” oferece uma experiência sensorial completa, onde a gula e a luxúria impulsionam a jornada da personagem em busca do prazer, misturando vivências pessoais com lendas afrodisíacas. O espetáculo é uma homenagem à potência feminina e ao seu poder de criação, expressos por meio de diversas vertentes como: teatro, dança, música e um pouco de contorção. Natasha explora essas habilidades em cena.

Ainda na sexta-feira, às 19h, vestida de picadeiro e lona de circo, a baiana Lívia Mattos realiza um mini-circoncerto ambulante, com sua inseparável sanfona. Engolidora de notas e cuspidora de acordes, “A Sanfonástica Mulher-Lona” equilibra-se no fio da vida e no respiro do fole. Lívia conta que a Mulher-Lona surgiu como uma metáfora da sua pesquisa teórica e documental. “A Sanfonástica tem esse caráter acústico para que as pessoas cheguem perto, para que seja no tête-à-tête, como um difusor de uma amálgama de múltiplas linguagens”, explica Lívia.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR R E Y N A L D O R O D R I G U E S



Brasília Restaurant Week

A 33ª edição do festival Brasília Restaurant Week acontece até o dia 8 de março. Este ano, o evento entra em clima de copa do mundo com o tema “A Cozinha dos Campeões”. A proposta é oferecer menus completos (entrada, prato principal e sobremesa) a preços fixos. As opções são diversas e contemplam todos os paladares, trazendo uma experiência gastronômica acessível e diferenciada, desde a cozinha com toque internacional do Bla’s Cozinha Criativa, passando pela comida variada do Juscelino Bar e Restaurante.



Los Santos Pizza & Pão

Para quem aprecia pizza doce sem abrir mão de um cardápio refinado, a Los Santos Pizza e Pão, no Setor de Rádio e TV Norte, oferece opções que vão do clássico ao sofisticado. Entre os destaques está a pizza de Bannofe, com doce de leite, banana, farofa de biscoito, paçoca e merengue com raspas de limão. A casa também promove a oferta de duas pizzas grandes. Segundo o chef Thiago Leopoldino, a proposta é valorizar bons ingredientes e a experiência de compartilhar à mesa. Entre os destaques está a pizza de Bannofe (a partir de R\$63,40 - média),



Marca de sobremesas

Brasília acaba de ganhar um novo endereço para os fãs de sobremesas criativas: a Jelly’s Shake, aberta na Rua Alecrim, próxima à Estação Arni-queiras. A marca estreia com mais de 20 sabores de shakes, além de sundaes, casquinhas especiais e açaí personalizável. A proposta é oferecer combinações que vão do clássico ao ousado. Idealizador da casa, Alexandre Santos afirma que a ideia é permitir que o cliente crie diferentes experiências a cada visita. Entre os destaques estão shakes como Maltizão e Encantado.

Palco vai ser livre em Riacho Fundo I

Evento gratuito leva artistas neste fim de semana à Região Administrativa

Por Mayariane Castro

O Festival Palco Livre 2026 chega com a sua 2ª edição, que será realizado entre esta sexta-feira (6) e o domingo (8) no estacionamento do Frango no Pote, no Riacho Fundo I, no Distrito Federal.

A programação contará com apresentações musicais gratuitas de artistas da capital. Os shows começam às 19h30 em todas as noites.

O evento será realizado em espaço aberto e contará com estrutura voltada ao público da região administrativa.

Atrações confirmadas

Entre as atrações confirmadas estão Andrézin – o Príncipe, Junior Ferreira, Miguel Santos, Juninho Brother, Banda Imagem, Nego Rainer, Alisson e Ariel, Roniel e Rafael, Forró do Cerrado, Roni e Ricardo, Talvanes e Thiago e Banda Brizza. Outros artistas também devem participar da programação.

A apresentação do festival ficará a cargo de Cacá Silva, responsável também pela audiodescrição das atividades. A programação musical contará ainda com intervenções do DJ Dyda Makflay entre as apresentações.

O festival é organizado pelo Instituto Sociocultural Comunitário (ISC) com apoio do Ministério da Cultura.

De acordo com os organizadores, a proposta do evento é

promover apresentações musicais abertas ao público e incentivar a participação de artistas do Distrito Federal.

Acessibilidade

A estrutura do festival inclui área de circulação para o público e recursos de acessibilidade.

O espaço foi planejado para permitir a participação de pessoas com deficiência por meio da audiodescrição durante as apresentações.

Mais um detalhe destinado a ampliar ao máximo a chance de acesso do público aos artistas locais, principal proposta do festival.

Pelas três noites

A programação será distribuída ao longo de três noites consecutivas. Durante os três dias de programação, o público poderá acompanhar shows de diferentes estilos musicais representados por artistas do Distrito Federal.

Na sexta-feira (6), sobem ao palco Talvanes e Thiago às 19h30. Em seguida, às 21h, ocorre o show de Alisson e Ariel. Às 22h30 está prevista a apresentação da dupla Roniel e Rafael. O encerramento da noite será com Andrézin – o Príncipe, à meia-noite. No sábado (7), a programação começa às 19h30 com Roni e Ricardo. Às 21h, o cantor Nego Rainer se apresenta. Às 22h30, está previsto o show de Miguel Santos. Termina com a Banda Imagem, à meia-noite.



Diversos artistas locais se apresentarão no Riacho Fundo I

Divulgação

Instituto promove cultura no DF

Proposta é garantir visibilidade aos artistas locais

No domingo (8), a abertura da programação será às 19h30 com o grupo Forró do Cerrado. Às 21h, está prevista a apresentação de Juninho Brother. Às 22h30, sobe ao palco a Banda Brizza. O encerramento do festival será com o show de Junior Ferreira, à meia-noite.

Segundo a organização, a programação pode sofrer alterações. O festival é aberto ao público de todas as idades e tem classificação livre.

O instituto

O Instituto Sociocultural Comunitário, responsável pela realização do evento, desenvolve projetos culturais voltados à promoção de atividades artísticas em regiões administrativas do Distrito Federal.

A iniciativa conta com apoio do Ministério da Cultura por meio de políticas de incentivo à realização de eventos culturais.

Andrézin,
O Príncipe,
fecha a
primeira
noite



Divulgação

Por Mayariane Castro

A exposição “Comigo Ninguém Pode – A Pintura de Jeff Alan” está em cartaz na Caixa Cultural Brasília até 31 de maio. A mostra apresenta 50 obras do artista visual pernambucano Jeff Alan, incluindo 22 inéditas.

A visitação é gratuita e ocorre na galeria principal do espaço cultural. A visitação ocorre conforme o horário de funcionamento da Caixa Cultural Brasília.

Memória e pertencimento

A exposição reúne pinturas que abordam memória, identidade e pertencimento.

As obras apresentam personagens e situações inspiradas no cotidiano do artista, com referências à comunidade onde ele cresceu, no bairro do Barro, na zona Oeste do Recife. A mostra inclui telas de diferentes formatos e composições centradas na figura humana.

Com curadoria do antropólogo Bruno Albertim, a exposição já passou por unidades da Caixa Cultural em Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Fortaleza.

Segundo a organização, mais de 110 mil pessoas visitaram a mostra nessas cidades. Após a temporada em Brasília, o projeto seguirá em circulação nacional, com apresentações previstas em Curitiba e Belém.

Jeff Alan iniciou sua trajetória artística no grafite. A experiência com a arte urbana permanece como referência em sua produção atual, desenvolvida principalmente em pintura sobre tela.

As obras exibidas na exposição apresentam retratos e cenas inspiradas em moradores de sua

Jeff Alan: do grafite às telas

Exposição na Caixa Cultural reúne 50 obras do artista pernambucano

comunidade, além de elementos relacionados às vivências pessoais do artista.

Históricos e sociais

De acordo com a curadoria, a exposição reúne trabalhos que dialogam com aspectos históricos e sociais do país. Para Bruno Albertim, a presença da mostra em Brasília amplia o debate sobre os temas abordados nas obras.

“Chegar a Brasília, este lugar de centralidade do poder, ressalta a leitura política das obras de Jeff e as deixam ainda mais densas. As telas expostas tratam do retorno à visibilidade, à nomeação e à figuração dos povos brasileiros com origem em África que foram alijadas do processo da modernidade”, afirma o curador.

Nas pinturas, Jeff Alan apresenta personagens que fazem parte de seu convívio e de sua trajetória pessoal.

Diálogo com origens

Segundo o artista, o trabalho busca estabelecer diálogo com suas origens e com o território onde cresceu. “Quero que as pessoas se vejam nas minhas obras, sintam que pertencem a esses espaços que muitas vezes nos excluem”, afirma.



“Posso mudar **meu destino**”

Título de uma das telas resume propósito do artista ao retratar sua vida pela pintura

O artista também destaca que os elementos presentes nas telas estão ligados à sua experiência de vida.

“Cada retrato, cada cor, cada detalhe é um reflexo da minha vida, da minha família e da comunidade que amo”, declara.

A mostra reúne trabalhos produzidos em diferentes momentos da carreira de Jeff Alan e inclui obras recentes criadas especialmente para a etapa da exposição em Brasília. Entre as peças apresentadas, estão pinturas que retratam personagens em ambientes cotidianos e composições que exploram expressões faciais, gestos e relações entre figuras.

Acessibilidade

A exposição também conta



com recursos de acessibilidade.

As obras possuem placas com QR code que direcionam o público para conteúdos de audiodescrição, permitindo que visitantes com deficiência visual tenham acesso às informações sobre as pinturas.

O projeto

O projeto tem patrocínio da Caixa e do governo federal.

A realização é da Fervo Projetos Culturais, com produção local da Azur Produções.

A Caixa Cultural Brasília integra a rede de espaços culturais mantidos pela instituição financeira em diferentes capitais do país.

A programação inclui exposições, shows, apresentações teatrais e atividades educativas.

#cm
2
FIM DE SEMANA

Corpo em estado de arte

Espetáculo inédito que marca os 25 anos da consagrada Focus Cia de Dança, sob a direção artística do coreógrafo Alex Neoral, “Bodas” faz sua estreia no Theatro Municipal num mergulho nas infinitas possibilidades do corpo. Pág. 2